

CÂNDIDO, Wesley Roberto. *A memória das palavras*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014, 124 p.

### **Resenha**

O livro *A memória das palavras*, de Wesley Roberto Cândido, contém 107 poesias, nas quais, conforme se lê na primeira contracapa, “homens e mulheres se tornam personagens de uma fantasia, exacerbados pela força das imagens e das histórias” que protagonizam. Observa-se, dessa maneira, na referida obra, uma variedade de temas tais como o amor, a mulher, o espaço, o saudosismo, a solidão, dentre outros, que expõem um eu-lírico imerso nas mesquinharias do cotidiano, mas que consegue extrair desse mesmo cotidiano imagens, sentimentos e sensações que se sublimam em uma poesia de qualidade e extrema sensibilidade.

Abrindo o volume, encontramos uma epígrafe extraída de uma obra do grande poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz (1914-1998): “O amor, a inveja e a raiva são paixões, que por meio da operação da linguagem, transformam-se em pessoas, não de carne e osso mas imaginárias.” O que o autor mexicano menciona, ecoa, reverbera nos escritos poéticos de Wesley que, com grande habilidade, consegue transformar assuntos que assolam o ser humano na contemporaneidade em matéria poética, a qual ganha vida em versos singelos, encantando-nos pela clareza e objetividade, que são atingidas pelo alto grau de sua elaboração, desvelando momentos ímpares, os quais reproduzem a vida e os próprios sentimentos dos leitores.

Um dos destaques da obra de Wesley Cândido, sem dúvida, são os poemas nos quais o autor reflete sobre o seu fazer literário, a falta de inspiração e a luta árdua com as palavras, para transmutá-las em poesia, como se pode observar nos seguintes versos: “Hoje perdi os olhos da poesia, / o mundo ficou sem graça e opaco. / As flores no chão, as folhas caídas, / nada inspirava. / Senti-me só, / abandonado, / sem palavras” (p. 46).

Ainda sobre essa questão, os versos que seguem são bastante ilustrativos e indiciam a batalha que o eu-lírico trava com as palavras: “A página em branco é sintoma /

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutor em Letras, área de Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de Assis-SP, professor do Mestrado em Letra e em Comunicação da Universidade de Marília-SP - UNIMAR. Contato: [abotoso@uol.com.br](mailto:abotoso@uol.com.br)

de solidão, até as palavras / me abandonaram e não mais / desfilam pelas linhas do papel” (p. 87). Assim, o poeta expõe o seu drama, o seu sofrimento diante da falta de inspiração e da página vazia, valendo-se da metalinguagem, que revela a difícil tarefa do fazer poético de materializar sensações, visões e sentimentos na página em branco.

Várias composições de *A memória das palavras* lembram o *haiku*, poesia tradicional japonesa: “Engoli em seco aqueles versos, / porque não quis ultrajar / sua boca com minhas rimas” (p. 67); ou ainda: “A xícara de café fumeja sobre a mesa, / enquanto um anjo nu me contempla da janela... / Aspiro o aroma suave da cafeína / e o anjo bate suas asas rumo às nuvens” (p. 67). A estas, somam-se outras poesias que remetem ao modelo do *haiku* que, em geral, tem três versos, os quais buscam sugerir os mais variados estados de espírito. Nos exemplos acima, notamos os sentimentos exacerbados e a melancolia do eu-lírico, que é intensificada, no segundo poema, pela presença etérea do anjo, o qual desaparece, enquanto o poeta sorve seu café. Trata-se de composições breves, depuradas, simples, as quais captam o instantâneo, e também podem registrar, enquadrar, presentificar ou evocar um momento preciso e, acima de tudo, elas emocionam e eternizam fragmentos da vida no mundo contemporâneo, onde a solidão parece imperar em todas as instâncias. As poesias contidas no livro de Wesley captam e refletem brilhantemente essa e muitas outras idiossincrasias do ser humano no mundo atual.

Em “Manhã – poema prosa” (p. 56), o poeta descreve uma cena doméstica, na qual uma gata e um cachorro brincam e tomam um banho de sol no período matutino. A singeleza e a leveza da cena mencionada permitem-nos aproximar esse texto dos escritos do poeta francês Francis Ponge (1899-1988), que descrevia os objetos do cotidiano em linguagem objetiva e simples, manifestando as relações entre as palavras e as coisas, no intuito de evidenciar os contatos do ser humano com os seres e os objetos que o rodeiam, terminando por expor a sua humanidade, a sua capacidade de vivenciar a felicidade nas pequenas experiências e sensações do cotidiano.

Também é relevante destacar nos poemas de Wesley, as relações intertextuais com obras, personagens e autores da literatura nacional e estrangeira. Desse modo, surgem as figuras de Dulcinea, Sancho Panza e até Emma Bovary em criações muito bem elaboradas formalmente e esteticamente como “En algún lugar de la Mancha” (p. 17), numa clara referência a *Don Quijote*, de Miguel de Cervantes (1547-1616) e ao romance

de Gustave Flaubert (1821-1880); o título do poema “Vermelho e negro” põe em relevo a relação intertextual com o livro de Stendhal (1783-1842), subvertendo o seu conteúdo, uma vez que no texto poético, é uma mulher que se suicida por amor, ao passo que no romance stendhaliano, Julian Sorel é um protagonista masculino, que não sabe qual carreira escolher – o vermelho, que simboliza o exército, e o negro, que metaforiza a religião. No entanto, os destinos de ambos, da mulher e do personagem do escritor francês, mesclam-se, pois o amor destrói a ambos.

Às vezes, vocábulos e neologismos, encontrados nos poemas do livro que estamos comentando, encaminham nossa mente para títulos de obras nacionais, conforme se nota em “miramar” e “mirramarescer” (p. 93), uma clara alusão a *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade (1890-1954), ou para personagens paradoxais da nossa literatura – Capitu e Diadorim – que se amalgamam pelo olhar, transformando-se em uma unidade “inaugurada pelo brilho dos olhos / de Capituadorim” (p. 92). Dessa forma, duas grandes personagens, de *Dom Casmurro* e *Grande sertão: veredas*, respectivamente, uma com “olhos de ressaca” e a outra, com penetrantes olhos verdes, revitalizam-se na composição poética intitulada “Covardia masculina”, uma vez que tanto Bentinho quanto Riobaldo revelam-se incapazes de decifrar os enigmas que se ocultam sob os olhares de suas amadas.

Terminada a leitura do livro de Wesley Roberto Cândido, salta aos olhos a qualidade artística, o talento na construção dos versos, na arte de manejar as palavras, transfigurando-as em frases que emocionam, impactam e seduzem o leitor. Fica patente também que o autor de *A memória das palavras* estabelece um diálogo profícuo e inteligente com textos, escritores e personagens das literaturas brasileira e estrangeira, já que, em suas produções, ele deixa evidente que “a absorção do alheio participa da construção do próprio” (CARVALHAL, 2003, p. 138), fato que resulta em uma criação poética diferenciada e de interesse para leitores e críticos, que se aventurarem a adentrar o universo sempre singular e único que é o da poesia bem arquitetada, uma verdadeira tela de Penélope, que cada um pode tecer e retecer com significados múltiplos e distintos em leituras infinitas e eternas.

## **REFERÊNCIA**

CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio*. Ensaios de literatura comparada. São Leopoldo RS: Editora Unisinos, 2003.